



**AUTODEFESA:
A RESPOSTA À
VIOLÊNCIA BASEADA
NO GÊNERO**



AUTODEFESA: A RESPOSTA À VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO

1. Violência baseada no gênero: endêmica nos sistemas sob os quais vivemos

2. Definições de femicídio

3. As mulheres na guerra moderna

3.1 O Genocídio Armênio

3.2 Crimes de guerra nazis e as mulheres

3.3 Crimes de guerra contra as mulheres no Extremo Oriente

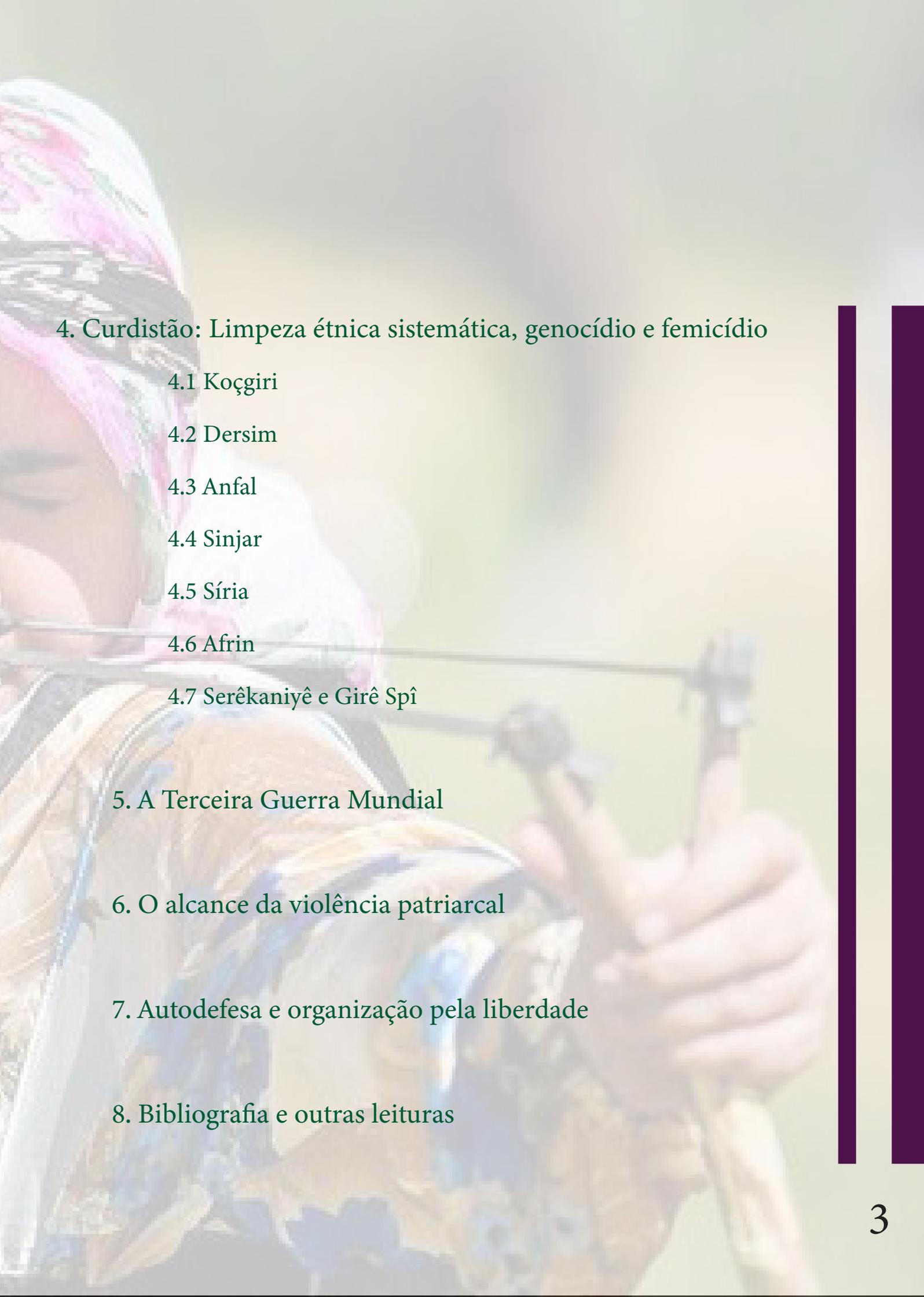
3.4 Contra-revolução e genocídio contra as comunidades indígenas na América Latina

3.5 Limpeza étnica e femicídio na Bósnia

3.6 Ruanda

3.7 Afeganistão

3.8 Iraque

A woman wearing a colorful headscarf is shown in profile, holding a rifle. The background is a soft, out-of-focus landscape. The text is overlaid on the left side of the image.

4. Curdistão: Limpeza étnica sistemática, genocídio e femicídio

4.1 Koçgiri

4.2 Dersim

4.3 Anfal

4.4 Sinjar

4.5 Síria

4.6 Afrin

4.7 Serêkaniyê e Girê Spî

5. A Terceira Guerra Mundial

6. O alcance da violência patriarcal

7. Autodefesa e organização pela liberdade

8. Bibliografia e outras leituras

“O sexismo tem sido a arma mais usada durante os sistemas de civilização (contra a sociedade política e moral) ao longo da história.”
- Abdullah Öcalan.

Quando as mulheres se tornaram oprimidas enquanto classe, com o surgimento das sociedades patriarcais há 5000 anos, houve uma mudança fundamental na forma como os seres humanos se relacionaram uns com os outros, com a natureza e com o mundo à sua volta. As mulheres começaram a ser usadas como um recurso ou um objeto, colonizadas e ocupadas. A mentalidade masculina dominante tomou o poder, criando hierarquias apoiadas pela violência. Essa mentalidade permitiu então que esse mesmo processo fosse infligido a outras pessoas, com o desenvolvimento de hierarquias de classe, a exploração dos jovens pelos velhos e a colonização de outros povos. A mesma mentalidade permitiu também a exploração e destruição de recursos naturais. A mentalidade patriarcal que se tornou desta forma dominante e permitiu as relações, a mentalidade e os tipos de exploração nos quais o capitalismo, o Estado-nação e o colonialismo estão baseados. Desta forma, o patriarcado é a forma original de opressão.

A guerra e o colonialismo tiveram um enorme impacto sobre as mulheres, algo que tem aumentado com a modernidade. A violência sexual e a violência infligida por causa do gênero são endêmicas em todos os lugares onde o colonialismo e a guerra se espalharam. É a mesma mentalidade patriarcal na qual tem origem o colonialismo e a ocupação, que produz violação e a violência de gênero. A realidade dos crimes baseados no gênero é que eles são a violência mais duradoura da história. É essencial considerarmos todos os aspectos: culturais, ideológicos, sociológicos e físicos. A conexão entre as mulheres e as suas sociedades e o uso da violência contra as mulheres como arma contra as comunidades significa que estes ataques também devem ser considerados um ataque à própria sociedade.

Nesta brochura vamos olhar para alguns exemplos da guerra moderna e como ela afeta as mulheres e a sociedade, assim como exemplos de resistência. Vamos examinar a situação agora, com o início da Terceira Guerra Mundial, e onde nasce a resistência anti-patriarcal. A realidade é dura, mas deve ser entendida e não apenas porque é importante lembrar. Só compreendendo a nossa história, bem como a história da resistência, poderemos construir melhor um futuro alternativo e assim defender-nos. Que lições podemos aprender com a história para garantir o sucesso da nossa resistência? Quais deverão ser as nossas prioridades? Quais são as implicações concretas da situação da guerra moderna para os revolucionários, para aqueles que lutam por um mundo melhor?

1. Violência baseada no gênero: endêmica nos sistemas sob os quais vivemos

A história da civilização é a história de uma guerra contra as mulheres. Para compreender esta história, devemos olhar atentamente para a violência de gênero. Tem sido normalizada precisamente porque é completamente difundida, mas está longe de ser “normal”, no sentido de “natural” ou inevitável. A história tal como escrita pelos opressores é relutante em contar esta história. Se a violência baseada no gênero, de qualquer tipo (não apenas ataques físicos), for devidamente discutida, o resultado irá minar aqueles que estão no poder no sistema atual, expondo as raízes da opressão.

As violações baseadas no gênero pelo sistema patriarcal têm sido mantidas de diferentes formas em diferentes contextos. Os crimes baseados no gênero não podem ser divididos em categorias não relacionadas, tais como “violência em zonas de conflito; violência baseada no gênero, violência no local de trabalho”. O seu somatório é a opressão sistemática. Uma guerra não declarada está a ser travada contra as mulheres, seja em áreas de conflito ou em estados onde a modernidade capitalista é mais “desenvolvida”.

A política de crimes sistemáticos contra as mulheres não é utilizada apenas durante as “guerras quentes” e em zonas de conflito. A mesma mentalidade masculina dominante produz agressões e ataques sexuais, incluindo o assassinato de mulheres com a desculpa do comprimento de sua saia. As mesmas estruturas levam ao apedrejamento até a morte das mulheres porque elas não cumprem códigos morais arbitrários e patriarcais.

Centenas de milhares de mulheres foram violadas ou abusadas sexualmente nas guerras dos séculos XX e XXI, quando os poderes imperialistas dividiam entre si o globo. Um dos crimes de guerra mais imorais contra as mulheres em zonas de guerra e conflito é o estupro - que continua a ser usado como instrumento para aniquilar uma sociedade psicologicamente, tanto a nível de comunidade, como fisicamente. As mulheres representam e mantêm unidas as suas comunidades e sociedades, bem como as famílias. Elas desempenham um papel de liderança na diplomacia, na paz e na cooperação. A vida comunitária, em particular a vida comunitária igualitária, está quase sempre centrada em espaços geridos por mulheres e onde as mulheres são empoderadas. Ao contrário do poder patriarcal, as tradições sociais matriarcais tendem a criar ligações e segurança para todos numa comunidade. Em particular nas sociedades do Médio Oriente, as mulheres também são representativas das suas próprias terras e do mundo, devido ao seu papel tradicional e central que é cultivar e cuidar da terra. Portanto, a violência contra as mulheres é violência contra a própria sociedade e a terra.

Além disso, o sistema patriarcal que define as mulheres como propriedade dos homens perpetua essa violência. Em muitas culturas, quando as mulheres que representam a família são “desonradas” ou capturadas, isso é visto como uma forma de infligir vergonha aos homens através da sua “propriedade”. O sistema que torna as mulheres propriedade também mostra que serão as primeiras a sofrer violência.

O relatório das Nações Unidas (ONU) de 2019 sobre a situação das mulheres no mundo afirma que 60% dos assassinatos de mulheres são cometidos por um dos membros da sua família. A violação conjugal é oficialmente um crime em apenas 4 em cada 10 países. Em muitos países, os violadores são postos em liberdade se casarem com as suas vítimas. 35 % das mulheres são sujeitas a violência pelo menos uma vez na vida. 1 em cada 5 mulheres e meninas entre os 15 e os 49 anos está sujeita à violência física e sexual por parte dos seus

familiares. 500 milhões de mulheres e meninas ficam com deficiência devido a práticas como a mutilação genital feminina (MGF). Mais da metade da sociedade - não importa onde as mulheres vivem - continua a enfrentar a violência devido ao seu gênero.

2. Definições de femicídio

Femicídio é definido como a morte de mulheres só porque são mulheres. Academicamente, o termo foi utilizado pela primeira vez em 1976, mas ganhou destaque no século XXI, em particular nas campanhas contra a violência de gênero no México, que têm trabalhado incansavelmente desde os anos 90. O uso anterior do femicídio concentrou-se nos assassinatos individuais, embora a tradição anti-femicida mexicana sempre tenha ligado os assassinatos individuais ao sexismo estrutural e estatal. Só em 2012 é que se tornou um crime pela lei mexicana matar por razões específicas de gênero, e o problema ainda está presente. Em 2019, a 'Violência contra a Mulher' foi o tema de uma conferência realizada pelas mulheres da organização revolucionária zapatista. O Femicídio é uma questão crucial na sua luta contra o Estado e a modernidade capitalista.

O Femicídio é um termo amplamente utilizado, inclusive por organizações como a ONU e a OMS, mas ainda não foi definido com clareza jurídica. O Simpósio da ONU de 2012 sobre o femicídio incluiu a discussão sobre o assassinato de mulheres e meninas em zonas de guerra e conflito, e algumas constituições nacionais definem-no como crime.

O colonialismo, o estado-nação, o capitalismo e o imperialismo utilizam o femicídio como uma das suas primeiras e mais poderosas armas. O assassinato de mulheres e a violência baseada no gênero não são apenas efeitos colaterais da guerra ou do colonialismo - são parte integrante destes e também do sistema que os produz. Se as mulheres são, como Abdullah Öcalan teoriza, "a primeira colônia", então o colonialismo é fundado sobre o femicídio. A destruição de uma sociedade é provocada pelo femicídio e pela violência baseada no gênero. A destruição social e cultural há muito que é reconhecida como parte crucial do genocídio, inclusive pelo direito internacional. O genocídio de um povo, entendido como mais do que um massacre, é portanto cometido através do femicídio. Esta é a realidade que ainda tem de ser reconhecida.

3. As mulheres na guerra moderna

É uma triste verdade e há milhares de exemplos de como os corpos das mulheres são um local de ocupação em tempos de guerra e colonialismo. Aqui iremos olhar apenas para alguns, para ilustrar a natureza global e generalizada da violência patriarcal, a necessidade de uma nova compreensão da história e da modernidade, e a necessidade de uma resposta radical. Apesar da realidade sombria do patriarcado, as últimas páginas da história estão cheias da resistência das mulheres contra o fascismo e a ocupação. É aí que devemos olhar para construir o nosso futuro.

3.1. O Genocídio Arménio

Após a Primeira Guerra Mundial, quando o Império Otomano estava em risco de ruir, ocorreu em 1915 um dos maiores genocídios da história. O genocídio foi perpetrado contra dois povos antigos da Mesopotâmia: o povo arménio e o povo siríaco. Mais de um milhão de arménios e cerca de 500.000 siríacos, assírios e caldeus foram mortos. As mulheres foram mortas, violadas, forçadas à prostituição e raptadas. Sofreram traumas para toda a vida.

A política genocida que o Império Otomano levou a cabo contra os povos cristãos começou por massacrar os homens e continuou por exilar o resto do povo nos desertos da Síria.

O que o Império chamou de “realocação” transformou-se numa viagem mortífera. Os que resistiam eram mortos. Milhares de mulheres foram mortas e algumas delas cometeram suicídio depois de terem sido raptadas e sujeitas a tortura. Milhares de mulheres também foram retiradas das suas famílias no âmbito desta “realocação”. Cerca de 700.000 mulheres cristãs foram mortas na Anatólia, entre 1915 e 1918.

As mulheres criaram unidades de resistência contra o genocídio em muitas cidades da Anatólia. Maryam Çilingiryan e Khanum Ketenciyan foram apenas duas das mulheres que organizaram a resistência, fundando uma unidade feminina de 25 pessoas na província turca de Urfa, a fim de proteger o seu povo durante o genocídio arménio de 1915.



Arménios a fugir do genocídio

3.2. Crimes de guerra nazis e as mulheres

Soldados alemães violaram milhares de mulheres durante a Segunda Guerra Mundial. Pelo menos 2 milhões dos 6 milhões de vítimas do Holocausto eram mulheres. As mulheres foram obrigadas a trabalhar nas piores condições ou usadas como cobaias em guetos e campos de concentração. Durante esse período, milhares de mulheres mostraram grande resistência contra o fascismo e o assassinato perpetrado contra elas. Algumas mulheres eram membros ou líderes de grupos de resistência em guetos. Não só o seu gênero, mas também a sua religião, escolhas políticas e a sua etnia fizeram delas um alvo. As mulheres eram centrais na resistência coletiva contra o regime nazi, em campos de concentração e em outros lugares.

Liri Gero lutou contra a ocupação nazi na Albânia quando tinha apenas 13 anos. Primeiro juntou-se ao Movimento de Libertação Nacional Albanês juntamente com outras 68 mulheres, todas recordadas com honra e respeito, e depois juntou-se à 16ª Brigada de Assalto. Após um ataque, os nazis encontraram-na inconsciente e mataram-na. Quando eram apenas adolescentes, as irmãs Freddie e Truss Oversteegen preparavam emboscadas a oficiais e colaboradores nazis durante a resistência holandesa.



Truss Oversteegen e Hannie Schaft

3.3. Crimes de guerra contra as mulheres no Extremo Oriente

Durante a Segunda Guerra Mundial, os japoneses levaram a cabo práticas semelhantes contra as mulheres chinesas que levaram aos milhares do seu país e forçaram-nas à prostituição. O exército japonês terá vendido cerca de 300.000 mulheres coreanas obrigando-as a serem escravas do sexo durante a sua ocupação na Coreia, entre 1937 e 1945. Mulheres coreanas, taiwanesas e chinesas formaram unidades de autodefesa para resistir à ocupação japonesa. A presença de mais de uma centena de unidades de autodefesa em aldeias formadas por mulheres na China durante esse período revela o alcance da resistência das mulheres



Forças de mulheres chinesas



“Mulheres de conforto” sul-coreanas.

3.4. Contra-revolução e genocídio contra as comunidades indígenas na América Latina

A partir dos anos '60, a América Latina foi abalada, no calor da revolução cubana, por diferentes processos revolucionários que se desenvolveram através da guerrilha, no âmbito da Guerra Fria. Os Estados Unidos, através da Doutrina de Segurança Nacional, assumiram um papel crucial na repressão dos diferentes movimentos populares contra o domínio imperialista e a opressão estatal. Através da contra-revolução, diferentes grupos paramilitares, juntamente com exércitos estatais, desenvolveram ataques específicos contra as mulheres, que tiveram de enfrentar diferentes formas de guerra, como a violência sexual ou a esterilização forçada. A violência contra as mulheres nas comunidades indígenas foi especialmente cruel, com um claro objetivo de limpeza étnica. Mas as mulheres não permaneceram passivas diante da violência. Muitas eram membros ativos das forças guerrilheiras, e muitas outras desempenharam um papel crucial na proteção das suas comunidades. Continuam a ser um exemplo na luta global pela liberdade.

Na Guatemala, na América Central, em 36 anos de guerra, entre 1960 e 1996, mais de 200.000 pessoas foram mortas ou resultaram desaparecidas. O controlo dos EUA havia assumido diferentes formas em conluio com as oligarquias locais, e a resistência do povo à ocupação e saque de suas terras enfrentou uma repressão sangrenta. Assassinatos, estupros, torturas, mutilação, humilhação foram as diferentes formas de violência estrategicamente programadas que atingiram diretamente as mulheres, por causa do seu papel fundamental na comunidade e para realizar a limpeza étnica no caso da população indígena: assassinato, estupro, tortura, mutilação, humilhação.

Um dos muitos casos ocorreu no início dos anos 80, no destacamento militar de Sepur Zarco. Diferentes mulheres indígenas Q'eqchi' foram forçadas a se mudar para lá depois dos seus maridos terem sido ilegalmente detidos, torturados, mortos e/ou desaparecidos. Foram transformadas em escravas domésticas, violadas e escravizadas sexualmente, sistemática e continuamente durante anos, pelos soldados do destacamento - em alguns casos até eram mortas. Em 2012, as mulheres de Sepur Zarco, após uma luta de 32 anos, conseguiram fazer do seu caso o primeiro deste tipo a ser julgado por um tribunal nacional.



Demonstração das mulheres de Sepur Zarco

Guatemala

3.5. Limpeza étnica e femicídio na Bósnia

As mulheres sofreram o tratamento mais horrível durante a guerra entre bósnios e sérvios que matou pelo menos 100.000 pessoas. Em 1992, a Bósnia e Herzegovina declarou a sua independência da Jugoslávia e os confrontos ocorridos após esta declaração, entre sérvios, croatas e muçulmanos bósnios duraram três anos. Durante este período, 50.000 mulheres muçulmanas bósnias foram violadas e torturadas pelo exército sérvio em “campos de violação” criados para proceder à limpeza étnica.

A definição de limpeza étnica começou a ser usada em relação ao conflito entre a Bósnia e a Sérvia. Não tem uma definição legal precisa, mas é historicamente significativo que tenha resultado do mesmo conflito para ficar na história pelas piores atrocidades cometidas contra as mulheres. Pesquisas sobre o conflito, e tentativas de definir a limpeza étnica, concluíram que a violação, a violência sexual e o femicídio são parte integrante da limpeza étnica, e que a limpeza étnica não seria possível sem uma dimensão de gênero.

O relatório lançado pelo Fundo das Nações Unidas para a População em 2010 mostrou que ninguém foi capaz de determinar exatamente quantas mulheres foram abusadas sexualmente, ou quantas crianças nasceram como resultado das violações na Bósnia e Herzegovina, embora o número esteja nas centenas. As estimativas dizem que o número de estupros está nas dezenas de milhares. Os efeitos deste tipo de trauma sobre a vida das mulheres continuam a ser enormes, mesmo passados 28 anos.

As mulheres, em particular, acompanharam com grande interesse os julgamentos dos perpetradores de crimes de guerra. O líder do Partido Sérvio Radovan Karadzic, os comandantes do exército sérvio Ratko Mladic, Vujadin Popovic, o chefe do Estado-Maior, o general Ljubisa Beara foram julgados e condenados pelo massacre em Srebrenica pelo Tribunal Penal Internacional. Sendo o sistema de justiça internacional liderado pelos poderes opressores dominantes e patriarcais, sempre fica aquém de por em prática uma justiça efetiva. As organizações de mulheres fundaram “Tribunais de Mulheres” para partilhar o que elas enfrentaram e para discutir como seria realmente a justiça. As mulheres também têm trabalhado incansavelmente numa concertação de esforços para a reconciliação e a paz.



Menina bósnia



Manifestação em Sarajevo



Combatentes bósnias

3.6. Ruanda

Cerca de 800 000 pessoas foram mortas durante a guerra civil no Ruanda, que durou entre 1994 e 1995. De 250.000 a 500.000 mulheres Tutsi foram violadas pelos Hutus durante essa guerra civil, na qual a França e a Bélgica desempenharam um grande papel. 5.000 crianças nasceram como resultado de violação. Quem curou as feridas e reconstruiu a sociedade no Ruanda desde então foram, novamente, mulheres. 54 dos 80 membros do parlamento ruandês são mulheres. Após o massacre, muitos projetos de lei sobre igualdade de gênero foram aprovados pela assembleia. O Tribunal Penal Internacional do Ruanda considera a violação um crime contra a humanidade.

3.7. Afeganistão

Vemos a mesma história no Afeganistão, ocupado pelos soviéticos em 1979 e pelos EUA em 2001. Segundo relatórios internacionais, as forças de ocupação violaram centenas de mulheres, forçaram as mulheres a entrar em redes de pornografia, e venderam mulheres afegãs a traficantes de seres humanos noutros países. A tradição de resistência das mulheres no Afeganistão, que se tornou um campo de batalha para os Estados imperialistas que lutam pelo poder, data de muito tempo: as mulheres fundaram a Associação Revolucionária das Mulheres do Afeganistão (RAWA) em 1977 contra a ocupação e a violência religiosa patriarcal. A RAWA ainda mantém a sua resistência popular e representa a autodefesa das mulheres no país junto com outras organizações de mulheres.



Manifestação da RAWA em 1998

3.8. Iraque

Estudos realizados após a invasão americana do Iraque em 2003 indicam que centenas de milhares de civis morreram como resultado da invasão. As mulheres enfrentam um crescente “terror sexual”. O número de viúvas raptadas e detidas por traficantes é desconhecido. Mas há uma resistência crescente de mulheres no país. As mulheres têm liderado os recentes protestos anti-regime no Iraque. A exigência mais amplamente ouvida foi a de igualdade na esfera social. As mulheres também têm lutado contra a mutilação genital feminina e o casamento infantil, e pela segurança das mulheres que permanecem em campos de refugiados.

4. Curdistão: Limpeza étnica sistemática, genocídio e femicídio

O Curdistão é ocupado por quatro Estados coloniais da região: Iraque, Irão, Turquia e Síria. É útil olhar mais profundamente para o Curdistão e para a história das mulheres curdas como um tema por direito próprio. As mulheres curdas nas quatro partes do Curdistão estão sujeitas a ataques das potências coloniais, tanto pela sua identidade étnica como sexual. Mas a história do movimento de libertação da mulher curda é uma história de luta, resistência e autodefesa inspiradora.

4.1. Koçgiri

Koçgiri foi o primeiro lugar onde começaram as políticas genocidas contra os curdos, durante o período otomano. Por volta de 1919, Nureddin Ibrahim Pasha, um dos autores desse projeto, disse: “Terminamos com aqueles que diziam ‘Zo’ (referindo-se aos arménios) e agora é hora para aqueles que dizem ‘Lo’ (referindo-se aos curdos)”.

Esta foi a ameaça da violência que estava por vir. As aldeias foram queimadas e destruídas, e milhares de pessoas foram mortas. Zarife era uma mulher que se organizou com a resistência curda como comandante. Uma das primeiras mulheres comandantes do Curdistão, Zarife sobreviveu ao massacre e organizou a resistência em Dersim onde foi morta pelo estado turco em 1938.



Zarife

4.2. Dersim

Em 1937, o estado turco lançou um ataque mortal contra a histórica cidade curda de Dersim. 70.000 pessoas foram mortas em Dersim, num genocídio de dimensão nunca vista. Milhares de mulheres atiraram-se de penhascos para evitar a violação pelas mãos de soldados turcos. Como continuação de uma política sistemática de genocídio e femicídio, milhares de raparigas foram separadas das suas famílias e entregues a famílias turcas. O número exato é desconhecido, mas diz-se que é da ordem das centenas. Foi possível ter registo desta prática desumana só depois das crianças terem oportunidade de contar as suas histórias.

As mulheres desempenharam um papel de liderança na resistência. Sakine Cansız, uma das primeiras fundadoras do PKK, o partido fundado em 1978 para a luta de libertação do Curdistão, era de Dersim. As condições de repressão sobre o seu povo encantos curdos e sobre ela mesma como mulher jovem levaram-na a sair de casa em tenra idade para se tornar uma revolucionária. É um símbolo do significado da resistência das mulheres de Dersim e do Curdistão, e de como a violência e a opressão deve ser combatida com resistência e amor.



Sakine Cansız

4.3. Anfal

Talvez a pior das práticas brutais contra os Curdos tenha ocorrido entre 1986 e 1988. No Iraque, cerca de 182.000 curdos foram mortos como resultado da Operação de Genocídio Anfal, que incluiu o Massacre de Halabja - que matou 7.000 curdos com armas químicas por ordem de Saddam Hussein. O aspecto da Operação de Genocídio Anfal que não tem sido seriamente discutido é o da violência baseada no gênero e do femicídio. O destino de centenas de mulheres retiradas das suas famílias em Anfal ainda é desconhecido. Um documento secreto que foi revelado, enviado por soldados iraquianos à Presidência iraquiana, dizia que as mulheres que foram levadas para os campos de concentração foram enviadas para países árabes para trabalhar no comércio sexual. Como parte da operação de genocídio, as mulheres foram literalmente levadas como despojos de guerra.

4.4. Sinjar (Shingal)

O genocídio e o femicídio de um século contra o povo curdo no Médio Oriente ainda está em curso. É perpetrado pelo Estado Islâmico e por grupos apoiados pela Turquia. As mulheres curdas têm mostrado uma resistência organizada e sistemática contra uma operação de aniquilação também sistemática. As mulheres curdas formaram forças organizadas de autodefesa contra o genocídio, o femicídio e os massacres étnicos e religiosos. O Estado Islâmico, apoiado diretamente pelo sistema patriarcal hegemônico e pelos estados imperialistas, ocupou Mosul em junho de 2014. Em seguida, ocuparam a cidade Ezidi de Sinjar. Após a retirada das forças locais, Sinjar foi ocupada a 3 de agosto de 2014 e os homens foram mortos. As meninas e mulheres foram raptadas. De acordo com o relatório divulgado pela Plataforma de Combate ao Rapto Forçado de Mulheres, 7000 mulheres e meninas foram raptadas pelo IS, o Estado Islâmico. O destino e o paradeiro de muitas destas mulheres ainda é desconhecido. As guerrilheiras da YJA-Star (Unidades de Mulheres Livres) e HPG (Forças de Autodefesa Popular), as forças de autodefesa do PKK, foram as primeiras a ir para Sinjar para libertar as mulheres yazidi. Dezenas de milhares de mulheres que fugiam dos jihadistas foram protegidas pelas guerrilheiras da YJA-Star nas montanhas de Sinjar. As mulheres yazidi organizaram-se para formar as suas próprias unidades de autodefesa (YJŞ) em 2015 e lutaram muito para libertar o Sinjar do Estado Islâmico. Muitas das mulheres capturadas pelo Estado Islâmico foram libertadas pelo YJŞ.



O povo de Sinjar a fugir do estado islâmico em 2014



Combatentes YJŞ

4.5. Síria

A situação curda na Síria nos últimos anos deve ser analisada e compreendida no contexto da guerra civil síria. Desde o início da guerra civil, grupos jihadistas - treinados e equipados por poderosos Estados-nação - têm travado uma guerra de ocupação sobre o corpo das próprias mulheres. Entre eles destaca-se o Exército Livre da Síria (TFSA), apoiado pela Turquia, que se intitula “Exército Nacional Sírio”, que tem estado na frente do recente ataque no Nordeste da Síria, mas que é um dos cerca de 30 grupos com ideologia e métodos semelhantes. É impossível manter estatísticas de crimes contra as mulheres onde a guerra ainda está em curso, mas o regime sírio, os bandos de jihadistas e as forças turcas continuam a cometer atrocidades. Em todos os lugares ocupados pelo Estado Islâmico e outras forças apoiadas pela Turquia, uma das primeiras coisas que estes fizeram foi sempre declarar leis que restringem a liberdade das mulheres. As Nações Unidas publicaram um relatório em 2018 que declara que milhares de mulheres e meninas foram violadas durante a guerra civil. O Observatório Sírio dos Direitos Humanos com sede no Reino Unido registou que 353.900 pessoas, incluindo 106.000 civis, foram mortas até março de 2018. Estes números não incluem as 56.900 pessoas que estão desaparecidas e que se pensa terem morrido. A organização estima que as mortes de cerca de 100.000 pessoas ainda não foram documentadas. Os números mostram que 40 por cento das pessoas mortas eram mulheres e crianças. Pelo menos 6,2 milhões de pessoas foram deslocadas dentro da Síria e 5,6 milhões fugiram para outros países. Metade de todos os refugiados sírios são mulheres. As mulheres são forçadas à prostituição ou vendidas para casamentos em países vizinhos como a Turquia, o Líbano e a Jordânia.

Durante a guerra civil síria, o povo de Rojava, o Curdistão Sírio, no Nordeste da Síria, rejeitou tanto as potências externas como o regime antidemocrático sírio. Organizaram-se para por em ação a revolução em Rojava. Desenvolveram uma autogovernança baseada na democracia de base e na organização local, pondo em prática a ideologia do líder curdo Abdullah Öcalan, que se encontra preso. O povo retomou passo a passo as suas cidades às forças do regime sírio. Formaram as forças de autodefesa do seu povo (YPG) e o seu sistema de autogoverno. As Unidades de Proteção das Mulheres (YPJ) foram formadas pelas próprias mulheres combatentes no dia 4 de Abril de 2013. Os ataques contra Rojava por parte da organização jihadista Al Nusra, os herdeiros da Al-Qaeda, foram derrotados pelas forças de autodefesa, incluindo a YPJ. O Estado Islâmico, começou a atacar Rojava depois de Sinjar, apoiado secretamente por estados imperialistas, potências regionais e pelo estado turco.

O Estado Islâmico atacou Kobane, um dos cantões de Rojava, em outubro de 2014. As unidades de autodefesa YPJ participaram na defesa de Kobane. A bandeira da YPJ foi a primeira bandeira a ser içada em Kobane após a libertação da cidade.

Milhares de mulheres juntaram-se às YPJ e combateram o Estado Islâmico em Manbij, Tabqa, Raqqqa e Deir ez-Zor, desempenhando um papel ativo e central na libertação destas cidades.

4.5. Afrin

Hoje, o Estado turco é um dos maiores fornecedores e apoiantes financeiros da guerra civil síria. As suas ligações no comércio do petróleo com grupos jihadistas têm sido bem documentadas internacionalmente. A colaboração do estado turco com grupos paramilitares que combatem na Síria foi revelada durante a guerra de ocupação de Afrin. O Estado turco atacou Afrin, um dos cantões do Nordeste da Síria, a 20 de janeiro de 2018, após obter a aprovação dos EUA e da Rússia. Cerca de 25 grupos jihadistas, incluindo membros do Estado Islâmico, participaram no ataque como o TFSA. Pessoas em todo o mundo assistiram ao ataque de um estado a uma pequena cidade usando as táticas e as armas mais extremas.

O estado turco e os grupos apoiados pela Turquia registaram como mutilaram o corpo morto da combatente Barin Kobane, da YPJ, expressando no seu cadáver o ódio que nutrem pelas mulheres que se organizam em sua própria defesa. Afrin foi ocupada pelo estado turco e os seus grupos jihadistas no dia 18 de março. Como em todo o lado, o primeiro alvo da ocupação foram as mulheres. Muitas foram as raparigas raptadas em Afrin. Mulheres foram violadas. A ocupação continua e todos os dias é perpetrado um novo ataque contra as mulheres na cidade.

Segundo a Organização dos Direitos Humanos de Afrin, tem havido ataques sistemáticos contra mulheres e raparigas. O destino de milhares de mulheres raptadas pela chamada “polícia militar” apoiada pelo estado turco é desconhecido. Algumas das mulheres raptadas foram libertadas após o pagamento de um resgate.



Combatentes da YPJ em Afrin

4.6. Serêkaniyê y Girê Spî

Em 9 de outubro de 2019, o Exército Nacional Sírio apoiado pela Turquia, incluindo membros do IS, lançou os ataques de ocupação contra as cidades de Serekaniye (Ras al-Ayn) e Girê Spî (Tell Abyad) no Nordeste da Síria.

O estado turco e os grupos apoiados pela Turquia cometeram crimes de guerra contra centenas de mulheres. Hevrin Khalaf, a secretária-geral do Partido Síria do Futuro, foi morta por grupos apoiados pelos turcos na autoestrada M4 a 12 de outubro de 2019. Em 26 de outubro, grupos jihadistas apoiados pelos turcos profanaram o cadáver da combatente Amara Renas. Os membros dos grupos jihadistas compartilharam vídeos nas redes sociais a mostrar com orgulho como mutilaram o cadáver.



Hevrin Khalaf

Amara Renas

Relatos de crimes de guerra contra mulheres e violência baseada no gênero nas cidades ocupadas são divulgados todos os dias. Segundo dados recebidos pela Organização de Direitos Humanos da Região de Cizire, muitas mulheres foram raptadas das regiões de Serekaniye e Girê Spî e as mulheres da cidade foram obrigadas a usar nicabes pretos.



Refugiadas de Serekaniye no campo de Washokani

5. A Terceira Guerra Mundial

Muitas análises concluem que a Terceira Guerra Mundial já está em curso há vários anos. A III Guerra Mundial é uma guerra por procuração, significa que os conflitos são dispersos, e as potências internacionais podem alegar falta de envolvimento ou responsabilidade - mesmo descartando a guerra como a barbaridade das nações “atrasadas”, e justificando as suas próprias intervenções para obter lucros e ganhos como missões “de paz”.

A guerra civil síria é um exemplo perfeito, com todas as potências regionais e económicas a intervir através de milícias e mercenários para perseguir os seus próprios interesses, e promovendo genocídio e femicídio. O estado turco tem sido o maior financiador do Estado Islâmico e de outros grupos fundamentalistas na Síria e, em 2020, começou a alargar as suas intervenções de forma mais ampla, enviando mercenários para o conflito na Líbia. Grandes potências hegemónicas, como a Rússia e os EUA, fizeram acordos com a Turquia e também utilizaram as forças locais para o seu próprio proveito.

A III Guerra Mundial é um conflito global e os seus efeitos são mais sentidos por aqueles que já sofrem com o colonialismo e a pobreza do capitalismo, e em particular pelas mulheres. A violência e o caos no Curdistão e em todo o mundo devem ser compreendidos neste contexto.

6. O alcance da violência patriarcal

Os exemplos acima são apenas algumas das atrocidades cometidas pelo sistema patriarcal durante as guerras dos últimos 100 anos. Esta história deve ser mais amplamente compreendida e discutida. Descobrir a verdade e provar a extensão dos crimes de guerra é sempre muito difícil. A brutalidade dos poderes contra as mulheres durante as guerras e os conflitos geralmente fica impune.

O Tribunal Penal Internacional, fundado em 2002, reconheceu pela primeira vez as práticas desumanas na Bósnia e no Ruanda como crimes de guerra. As práticas contra as mulheres nos dois países foram reconhecidas como um “crime de genocídio”. No entanto, esta é uma exceção e não foi acompanhada por nada que se assemelhe a uma ação que sirva para curar feridas e prevenir futuros massacres e femicídios, mesmo depois destes exemplos de algumas das piores brutalidades jamais vividas na história.

Ao contrário do que a história conta, a modernidade capitalista tornou o mundo mais brutal e perigoso, e não menos. Desde a Primeira Guerra Mundial, a percentagem de civis, mulheres e crianças mortas em conflitos tem aumentado exponencialmente. Acrescente-se a isso o maior impacto sobre o meio ambiente das armas baseadas na tecnologia moderna e as consequências a longo prazo da destruição e deslocação de comunidades. As mulheres têm estado cada vez mais em risco à medida que a guerra moderna tem tomado forma. O comandante da Operação de Manutenção da Paz da ONU na República Democrática do Congo fez a avaliação de que no final do século XX e XXI “provavelmente tornou-se mais perigoso ser uma mulher do que um soldado em conflitos armados”

Mas, como podemos ver, onde há uma história de colonialismo e violência, há também uma história de resistência.

7. Autodefesa e organização pela liberdade

É claro que todos os revolucionários, ativistas e aqueles que lutam pela liberdade devem centrar as lutas pela libertação do género. Diante desta história e destes ataques, precisamos de nos organizar como mulheres desde a raiz e tomar com as nossas próprias mãos a construção da paz, da comunidade e da autodefesa no sentido mais amplo. Não podemos contar com os mesmos Estados e atores poderosos que criaram toda esta opressão para desfazê-la. Eles sempre se oporão à liberdade e luta significa estarmos organizadas para nos defendermos contra eles. A resistência é vitoriosa onde está organizada; onde são construídas estruturas concretas e sustentáveis de autodefesa. É essencial que as mulheres sejam autónomas na autodefesa e noutras áreas. As revolucionárias do mundo podem aprender muito com os métodos desenvolvidos pelo movimento de Libertação das Mulheres do Curdistão.

A autodefesa é essencial e fundamental para o nosso caminho de libertação, e para a nossa consciência de liberdade. Todas as esferas da vida das mulheres são ocupadas e mantidas sob domínio. A experiência das mulheres curdas mostra a necessidade da autodefesa da mulher na luta pela liberdade. Em particular, a organização do exército das mulheres começando pela YAJK e pela YJA-Star, com base na teoria do “corte” ou “divórcio” da mentalidade masculina dominante, fornece um exemplo importante.

No contexto da Ideologia da Libertação da Mulher do Curdistão, a organização é feita com base na consciência de género, camaradagem e igualdade, e luta de género. Isto cria as suas próprias organizações no sentido ideológico e sociológico. A construção do partido e da confederação de mulheres em consonância com a Ideologia da Libertação da Mulher do Curdistão significa reestruturar todo o mundo feminino. Isto forma as dimensões ideológica, mental, emocional e sociológica da autodefesa. Os princípios mais importantes da Ideologia da Libertação da Mulher do Curdistão são o amor à sua terra e à sociedade, o desenvolvimento do pensamento livre e do livre arbítrio, a força organizacional, a luta e a resistência, a ética e a estética. Partilhar a experiência das mulheres curdas com todas as mulheres do mundo e estabelecer o internacionalismo feminino, formando uma aliança contra a misoginia, é essencial. A postura das forças femininas de libertação, resistência e organização determinará o carácter do século XXI e o rumo que a sua história seguirá.

As mulheres devem ser a base das organizações sociais e comunitárias que se podem interligar num sistema confederal. As mulheres devem ser centrais em todos os processos de negociação, diplomáticos e de paz com a consciência de que as mulheres são os principais grupos visados pelo genocídio e pelo femicídio durante as guerras



Combatentes da YJA-Star



Manifestação em Heseke no Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra a Mulher

e os conflitos. Os tribunais ou julgamentos de crimes de guerra devem ser realizados em locais onde tenham sido cometidos feminicídios, massacres e violência baseada no gênero. Processos comuns devem ser abertos contra os perpetradores de múltiplos crimes de guerra.

A autodefesa deve ser discutida a nível social, mental e emocional, bem como a nível físico. A autodefesa armada é apenas uma parte. Ainda mais importante é desenvolver a autodefesa contra os ataques mentais perpetrados contra nós mulheres, a nossa força e a nossa unidade que vêm da cultura e dos meios de comunicação controlados por sistemas patriarcais. Devemos também defender-nos contra a divisão. Historicamente, as mulheres unidas são fortes, enquanto divididas podemos ser usadas e colonizadas. Desenvolver a nossa coletividade, a nossa própria organização e as formas de nos relacionarmos umas com as outras, livres da mentalidade masculina dominante, está no centro da nossa autodefesa e da construção de alternativas. A educação das mulheres para a consciência, o empoderamento e a auto-organização é essencial a todos os níveis da sociedade. As organizações de mulheres devem proporcionar uma educação revolucionária aos homens e às mulheres na mudança das relações sociais. A comunicação com todas as pessoas de todos os segmentos da sociedade, particularmente mulheres e meninas, deve ser estabelecida através de academias, imprensa, reuniões públicas, media online e social, plataformas comuns de discussão, etc., de acordo com cada contexto. A consciência individual e geral da autodefesa das mulheres deve ser melhorada de uma forma comum e generalizada. Mas esta educação não deve ser baseada na mentalidade patriarcal. “Jineoloji” foi proposta pelo Abdullah Öcalan como uma ciência das mulheres e do conhecimento das mulheres, uma nova ciência social baseada na revolução feminina e centrada em torno do paradigma democrático, ecológico e da liberdade das mulheres. Neste contexto, devemos tornar o conhecimento das mulheres livre e não subjugado ao sistema, formar o nosso próprio mundo, com o seu sentido e verdade, e olhar de novo para a ciência, o conhecimento e o mundo.

“A autodefesa das mulheres é uma questão muito séria que não pode ser deixada à mercê dos homens”,

- Abdullah Öcalan

8. Bibliografia e outras leituras

Os escritos de defesa de Abdullah Öcalan - <http://ocalanbooks.com/#/english>

Mulheres, Guerra e Paz: A Avaliação de Especialistas Independentes sobre o Impacto dos Conflitos Armados na Mulher e o Papel da Mulher na Construção da Paz (Progress of the World's Women 2002, Vol. 1) - Elisabeth Rehn, Ellen Johnson Sirleaf

Relatório Anual da ONU 2019 sobre a situação das mulheres, <https://annualreport.unwomen.org/en/2019>

Definições e Uso de Femicídio, https://www.jstor.org/stable/j.ctv8xnfq2.7?seq=5#metadata_info_tab_contents

Uma tentativa de uma classificação e metodologia de limpeza étnica, <http://www.ejil.org/pdfs/5/1/1247.pdf>

UN Femicide Symposium 2012, http://www.dianarussell.com/f/Report_Symposium_Femicide_UN-.pdf

Women in the Holocaust, <https://encyclopedia.ushmm.org/content/tr/article/women-during-the-holocaust>

Esta brochura foi escrita pela campanha Women Defend Rojava, parte da diplomacia do movimento de mulheres Kongra Star. O movimento de mulheres de Rojava é parte do legado da resistência das mulheres em todo o mundo. Dedicamos esta brochura a todas as nossas irmãs que sofreram os ataques do sistema patriarcal, e à história da luta heroica contra este mesmo sistema. Para defendermos a nós, a nossa terra, as nossas casas e comunidades, as mulheres são a força revolucionária que mudará o mundo.

18.03.2020



Kongra Star

Contacto:

Pewendiyenjin@gmail.com

Kongra-star.org

womendefendrojawa@protonmail.com

womendefendrojawa.net

Twitter: [@starrcogress](https://twitter.com/starrcogress)

Facebook: [KongraStarDiplomacy](https://www.facebook.com/KongraStarDiplomacy)